

## DO SOLO AO SABER: O QUE OS AGRICULTORES CONHECEM SOBRE A SALINIDADE

Pietro Menezes Ferreira<sup>1</sup>; Lavínia Janice Gomes<sup>2</sup>; Rihanna Yasmine Lima da Costa<sup>3</sup>; Isaac  
Alves da Silva Freitas<sup>4</sup>

<sup>1,2,3</sup>Alunos da Escola Estadual de Tempo Integral Professor Almiro de França Silva – Curso Técnico em Agroecologia Integrado, Assentamento Primeiro de Maio, Caraúbas/RN, Brasil. E-mail: [pietropraxedes11@gmail.com](mailto:pietropraxedes11@gmail.com); [laviniajanice139@gmail.com](mailto:laviniajanice139@gmail.com); [rihannalima589@gmail.com](mailto:rihannalima589@gmail.com); <sup>4</sup> Professor DsC da Escola Estadual de Tempo Integral Professor Almiro de França Silva – Curso Técnico em Agroecologia Integrado, Assentamento Primeiro de Maio, Caraúbas/RN, Brasil. E-mail: [isaacntn19@gmail.com](mailto:isaacntn19@gmail.com)

**Resumo:** A pesquisa teve como objetivo investigar o conhecimento dos agricultores do Assentamento Primeiro de Maio, em Caraúbas/RN, sobre a salinidade do solo, suas causas, consequências e formas de manejo. O estudo foi realizado entre março e abril de 2025, por meio da aplicação de questionário com 14 perguntas abordando perfil socioeconômico, práticas agrícolas e percepção sobre salinidade. Os resultados mostraram que os agricultores possuem baixo ou nenhum conhecimento sobre o tema, o que dificulta a prevenção e pode comprometer a produtividade e a renda. Conclui-se que é essencial investir em formação e capacitação, aliando saber técnico e popular para promover práticas agrícolas mais sustentáveis.

**Palavras-chave:** Entrevistas; Conhecimento; Saber; Irrigação; Solo.

### Introdução

A salinidade do solo configura-se como um dos principais problemas ambientais que afetam a agricultura em regiões semiáridas e irrigadas. Esse fenômeno consiste no acúmulo excessivo de sais minerais na superfície e no perfil do solo, comprometendo a capacidade das plantas de absorver água de maneira adequada, o que dificulta seu crescimento e reduz significativamente a produtividade agrícola (GHEYI; DIAS; LACERDA, 2010).

O excesso de sais no solo pode ser resultado tanto de processos naturais quanto de ações antrópicas. Entre os fatores humanos, destacam-se a irrigação mal planejada, o uso indiscriminado de fertilizantes químicos, o desmatamento e práticas agrícolas inadequadas que favorecem a degradação ambiental e o desequilíbrio da fertilidade dos solos (MEDEIROS, 2016). Em consequência, observa-se que as plantas submetidas à salinidade sofrem estresse hídrico, uma vez que a alta concentração de sais dificulta a absorção de água pelas raízes. Isso

ocasiona perda de vigor, queda no rendimento das lavouras e empobrecimento do solo, que se torna progressivamente mais seco, endurecido e menos fértil.

Do ponto de vista prático, os agricultores percebem a salinidade por meio de sinais empíricos, como a aparência e resistência das plantas, a textura e até mesmo o sabor da terra. Outro aspecto relevante identificado nas práticas tradicionais é a valorização do repouso da terra e da rotação de culturas, mecanismos que podem auxiliar na recuperação parcial da fertilidade do solo (SILVA; LIMA, 2018). Embora esse saber popular tenha sua relevância, ele ainda se mostra insuficiente frente à complexidade da salinização, tornando essencial o diálogo com o conhecimento técnico-científico.

Compreender o que os produtores rurais sabem sobre as causas, sintomas, métodos de prevenção e recuperação de solos salinizados é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de manejo mais eficientes. A integração entre ciência e saber empírico pode favorecer práticas agrícolas mais sustentáveis, adequadas à realidade socioeconômica das comunidades rurais. Nesse sentido, a valorização da agricultura familiar e a promoção de capacitações direcionadas ao manejo da salinidade são estratégias indispensáveis para a melhoria da produtividade e da qualidade de vida das populações rurais no semiárido brasileiro (OLIVEIRA et al., 2019). Dessa forma, o trabalho objetiva investigar o conhecimento dos agricultores sobre salinidade do solo e suas causas, consequências e manejo utilizado e os adequados, promovendo diálogo com a população em busca de promover práticas agrícolas sustentáveis.

### **Desenvolvimento**

A pesquisa foi realizada no Assentamento Primeiro de Maio, em Caraúbas-RN, entre março e abril de 2025, com o objetivo de compreender a percepção dos agricultores sobre a salinidade do solo. Adotou-se abordagem qualitativa e exploratória, por permitir compreender valores, saberes e práticas a partir da visão dos participantes (MINAYO, 2010; FLICK, 2009).

O estudo foi desenvolvido em etapas. Inicialmente, definiu-se o tema a partir de discussões entre a equipe e orientadores, dada a relevância do problema da salinidade para a agricultura do semiárido (GHEYI; DIAS; LACERDA, 2010). Em seguida, realizou-se revisão bibliográfica em bases como SciELO e Google Acadêmico, que serviu de suporte para a elaboração do questionário. O instrumento foi dividido em blocos sobre perfil socioeconômico,

práticas agrícolas e conhecimento acerca da salinidade, sendo validado previamente pelos orientadores.

A coleta ocorreu por meio de entrevistas presenciais com aplicação dos questionários, respeitando a disponibilidade dos agricultores. As respostas foram tabuladas em gráficos e analisadas em duas dimensões: quantitativa, para descrição das frequências, e qualitativa, pela técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Essa triangulação metodológica, conforme Creswell (2010), reforça a validade dos resultados.

O assentamento foi escolhido por refletir a realidade da agricultura familiar no semiárido, marcada por baixa pluviosidade, uso de irrigação e vulnerabilidade à salinização (MEDEIROS, 2016). Assim, a metodologia integrou observação empírica, saber técnico e análise científica, permitindo uma compreensão mais ampla do fenômeno estudado.

### Considerações finais

A análise realizada no Assentamento Primeiro de Maio revelou que os agricultores, em sua maioria, apresentam baixo conhecimento sobre a salinidade do solo, suas causas e formas de manejo, o que dificulta a prevenção e pode comprometer a produtividade e a renda das famílias. O perfil predominante é de adultos entre 30 e 50 anos, com participação reduzida de jovens e predominância masculina, refletindo práticas tradicionais de divisão do trabalho.

As atividades agrícolas são marcadas pelo cultivo em sequeiro, dependente das chuvas irregulares do semiárido, e pela baixa utilização de irrigação. Observou-se ainda forte dependência de sementes adquiridas externamente e reduzida prática de preservação de variedades próprias, o que limita a autonomia produtiva. As culturas mais comuns como milho, feijão e hortaliças, destinam-se principalmente ao consumo familiar, com pequeno excedente para comercialização.

Outro ponto crítico identificado foi a baixa adoção de água de reuso, apesar de seu potencial para mitigar os efeitos da escassez hídrica, e o uso frequente de defensivos químicos, que, em longo prazo, podem acentuar a degradação e favorecer a salinização.

Diante desse cenário, torna-se urgente investir em estratégias de capacitação que aliem o saber técnico-científico ao conhecimento empírico dos agricultores, promovendo práticas de manejo mais sustentáveis e adaptadas às condições do semiárido. A integração entre formação, extensão rural e valorização da experiência local representa um caminho promissor para

fortalecer a agricultura familiar, garantindo segurança alimentar, maior resiliência e desenvolvimento socioeconômico para a comunidade estudada.

### Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FLICK, U. *An introduction to qualitative research*. 4. ed. London: Sage, 2009.

GHEYI, H. R.; DIAS, N. S.; LACERDA, C. F. de (org.). **Manejo da salinidade na agricultura: estudos básicos e aplicados**. Fortaleza: INCTSal, 2010.

MEDEIROS, J. F. de. **Qualidade da água de irrigação e salinidade do solo: fundamentos e aplicações**. Natal: Editora da UFRN, 2016.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: **Hucitec**; Rio de Janeiro: Abrasco, 2010.

OLIVEIRA, J. R. et al. Práticas de manejo do solo e sustentabilidade agrícola no Nordeste brasileiro. **Revista Ciência Agrícola**, v. 17, n. 3, p. 112–125, 2019.

SILVA, A. P.; LIMA, R. F. Agricultura familiar e sustentabilidade no semiárido. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 13, n. 2, p. 45–58, 2018.